Do cano de fuzil ao cano d’água: Uma análise generificada da violência infraestrutural na Palestina[[1]](#footnote-1)

Giovanna Lucio Monteiro (IESP-UERJ/RJ)[[2]](#footnote-2)

Palavras-chave: Palestina, Gênero, Violência Infraestrutural

# INTRODUÇÃO

Saara[[3]](#footnote-3) respira e segura o choro enquanto me conta sobre como Israel "faz de
tudo para tornar a nossa [palestinos] vida impossível". Ela é uma mulher brasileiro-
palestina de meia idade que se mudou para Ramallah há mais de vinte anos e
trabalhou como guia turística durante toda a sua vida. Ao longo das três conversas
que tive com Saara ela me contou orgulhosamente sobre a luta e a resistência
dos e das palestinos e palestinas, mas suas certezas pareciam se esvair ao falar
sobre as dificuldades na vida no dia a dia: a violência nos checkpoints, o ir e vir
controlado por uma documentação extremamente difícil de conseguir, a água que
chega apenas uma vez na semana e constrói toda uma vida em função da água.
Lilah, refugiada palestina vivendo hoje no Brasil, também se emociona ao contar
que não vê sua filha há muito tempo por conta das documentações que a impedem
de ir a sua terra de origem, a Palestina. Mas apesar disso, ela fica tranquila porque
sabe que "lá Palestina é tranquilo em termos de segurança, não é que nem aqui
[Brasil]". Sua filha, Hana, também considera a Palestina um lugar seguro porque
onde ela mora [Ramallah] "não tem guerra como é em Gaza, é mais tranquilo. As
vezes eles entram nas casas, prendem as pessoas, mas só se você ta envolvido com
alguma coisa". Para ela, o mais difícil de viver na Palestina não é a guerra tão
televisionada e denunciada internacionalmente, mas sim problemas do dia a dia como
os documentos e algumas políticas públicas, segurança não é o maior dos problemas.
Essas três mulheres conversaram comigo em diferentes momentos ao longo de 2021.

Essa pesquisa se baseia nas cinco entrevistas semi-estruturadas coletadas ao longo
de um ano via videoconferência, em uma revisão bibliográfica sobre os estudos de
gênero, infraestruturas e violência, além de uma análise documental acerca do sistema
de águas e da rede de checkpoints na Palestina. A escolha das entrevistas online é
motivada pela pandemia de COVID-19, que impediu o campo presencial mas também
permitiu entrevistas com mulheres vivendo hoje na Palestina. Saara, Lilah e Hana
são mulheres mais velhas, já com filhos e com uma relação estreita com a região de
Ramallah, no coração da Palestina urbana. Todas fizeram faculdade, são casadas
com homens palestinos e possuem uma família palestina, o que impacta fortemente
na sua relação com a região.

A escolha por entrevistar mulheres perpassa por uma escolha de analisar o
cotidiano da questão Palestina. Então, porque falar com mulheres se a violência é
um fator central para a população palestina como um todo? Porque a violência tem
um componente generificado central que aloca certas formas de violência como mais
“masculinas” e outras como mais “femininas”, e consequentemente percebidas como
menos importantes. A violência “masculina” é aquela da exceção, do Evento (DAS,
2020) dos tanques, das armas, dos generais, dos heróis e dos mártires, é uma violência
que conta a história de uma nação. A violência “feminina” é menos heroica e mais
cotidiana, é percebida nas casas, nos corpos, nas relações (ENLOE, 2000).Nesse
sentido, as mulheres percebem uma forma distinta de violência, não porque sua
condição de mulher a leva a uma sensibilidade diferenciada, mas porque o lugar
social que ela está na Palestina permite que questões vistas como menores ou menos
importantes dentro da guerra mais ampla se tornem centrais, como a falta d’água, de
redes de esgoto ou a enorme quantidade de checkpoints que separam muitas famílias.

Ao longo dessa pesquisa, defendo a hipótese que Israel busca perpetuar a
ocupação sobre a Palestina através de transformação de infraestruturas urbanas,
principalmente a rede de água, em infraestruturas de guerra, incorporando o conflito
na vida cotidiana. Essas infraestrutura guardam em si diferentes temporalidades do
conflito, permitindo que mesmo quando o exército não está fisicamente em algum
lugar haja uma constante violência contra a população. Tenho um foco central na
ocupação sobre a Cisjordânia, um recorte necessário pelo escopo do trabalho. Além
disso, argumento também que essa violência rotinizada só poderia ser observada como
algo central na questão palestina a partir da fala de mulheres. Isso porque essa forma
de violência tem a sua invisibilidade como um princípio, ela é escondida, entremeada
em canos, redes de esgoto, de elétrica, rodovias e postos de controle. Em sua grande
maioria, essa violência faz parte do ambiente doméstico, não é espetacular, não
chama atenção da mídia e é muitas vezes percebida como um problema relacionado à
pobreza e não à guerra. Assim, as mulheres trazem à tona essas violências constituídas
como invisíveis, produzindo uma outra forma de observar o conflito.

# A INCORPORAÇÃO DA VIOLÊNCIA NO COTIDIANO

A ocupação dos territórios palestinos tem início em 1967 com a Guerra dos
Seis Dias. Com essa "guerra preventiva" Israel expande seu território, retira as pessoas
de suas casas, derruba bairros inteiro e coloca a Cisjordânia sob um governo militar
que, de diferentes maneiras, perdura até os dias atuais. Com mão de obra palestina,
a arquitetura das cidades foi transformada em outra colonial, um patchwork que
recorta o território com muros, checkpoints e canos de água da *Mekorot*[[4]](#footnote-4). Ao longo
desses 55 anos de ocupação uma série de acordos e discussões foram feitas para que
ela tivesse fim. Os mais importantes deles para esse trabalho são os Acordos de Oslo,
assinados em 1993 e 1995 e que renderam a Yitzak Rabin, Yasser Arafat e Shimon
Peres o Nobel da Paz, além da reeleição de Bill Clinton. Os Acordos institucionalizam
a Organização para Libertação da Palestina (OLP) como representante legítima do
povo palestino e promete a criação de um Estado, ou seja, o fim da ocupação de
forma gradual. Apesar da formação de um Estado palestino, pouco do acordado foi
cumprido e a ocupação segue a pleno vapor. Desde o início, a ocupação modificou a
paisagem com a expropriação de terras[[5]](#footnote-5), chegando a cerca de 52% e a construção de
assentamentos judaicos. Os assentamentos são verdadeiros bairros judaicos em meio
à Cisjordânia que são governados sob lei civil israelense. Mesmo sendo considerados
ilegais pela Corte Internacional de Justiça, eles vêm crescendo ao longo dos anos,
adentrando inclusive as áreas palestinas. Eles são construídos em meio a ilegibilidade
do Estado israelense, principalmente porque a sua constituição se da, na maioria das
vezes, em meio a negociações interpessoais com soldados também israelenses.

Os Acordos de Oslo vêm também para tentar manejar esse limbo jurídico
dos assentamentos. Um das suas principais decisões é a separação da Cisjordânia
em áreas que foram divididas entre Israel e Autoridade Palestina, nesse acordo
os assentamentos judaicos somente poderiam ser instalados na Área C. Mas, os
Acordos seguiram sendo descumpridos continuamente, principalmente através dessa
ilegibilidade da ocupação. O exército que governa a Cisjordânia é composto por
indivíduos que estão em um complexo entrelaçamento entre Estado e comunidade,
implementando regras ilegais se utilizando do poder do Estado. Veena Das (2020)
diz que as pessoas que implementam as regras também tem dificuldade de lê-las (p.
231), mas no caso israelo-palestino há também uma falta de interesse em lê-las com o
objetivo de tornar à posteriori o ilegal legal a partir de negociações, usando o estado
de emergência como justificativa. Quando esse estado de emergência não é exceção e
sim regra, como ela também afirma ao falar sobre algumas comunidades que estuda, é nessa negociação que o poder do Estado é produzido. Nessas negociações e em meio
à ilegibilidade, a ocupação consiste no controle direto do território da Cisjordânia.

Atualmente, esse território de 5.655km possui uma população de cerca de 3
milhões de pessoas, sendo 305 mil colonos israelenses, é governada pela Autoridade
Palestina e o centro político do Estado palestino. A área A está sob controle militar
da AP e consiste em 18% do território, incluindo as cidades de Ramallah, Nablus,
80% de Hebon, Jericó, Belém, Jenin, Tulkaren e Qalendia. A área B é dividida entre
o controle civil da AP e militar de Israel, com 22% do território. Já a área C sob
domínio civil e militar de Israel consistia em 72% da Cisjordânia na primeira fase.
Durante as negociações do Memorando de Wye River, entre a AP e o governo de
Israel, ficou decidido que Israel se retiraria de 13% desse território, transformando
essa totalidade para cerca de 60% da Cisjordânia. Israel se retirou de apenas 2%
que foram retomados (WEIZMAN, 2012; ACORDOS DE OSLO, 1995). Retornando
para Israel depois das negociações em Maryland, o ministro de relações exteriores
Ariel Sharon declarou em entrevista a uma rádio que "todo mundo tem que se mover,
correr e agarrar o máximo de morros que puder para ampliar os assentamentos,
porque tudo o que levarmos agora será nosso, tudo o que não pegarmos irá para
eles"(WEIZMAN, 2012, p.3).

Além da divisão do território em áreas, a Cisjordânia ainda é cortada pelo
Muro, uma parede de concreto de 8 metros de altura que perpassa todo o território,
passando não apenas pelas fronteiras, mas recortando cidades ao meio e inutilizando
grandes áreas propícias a agricultura. O Muro se une aos checkpoints fixos e móveis,
barreiras rodoviárias, pontos de verificação e torres de controle. As estradas se
dividem entre aquelas proibidas e permitidas para os palestinos, além de toda a
margem do rio Jordão que é proibida por ser uma "zona de segurança" israelense.

Weizman (2002) e Mbembe (2003) analisam a ocupação da Palestina como
uma forma de colonização contemporânea. Mbembe (2003) afirma que Israel produz
o seu necropoder a partir do controle do espaço com uma fragmentação territorial,
proibição de acesso a algumas zonas e expansão constante dos assentamentos que
estabelecem uma segregação "à moda do Estado de apartheid"(p.43) em que "os
territórios ocupados são divididos em uma rede complexa de fronteiras internas e
várias células isoladas"(idem). Para Weizman (2012) essa divisão faz parte de uma
geografia elástica israelense, que busca constantemente reorganizar fronteiras. Para o
autor, e em consonância com Mbembe (2003), essa micro-divisão do território promove
uma arquitetura de guerra que impede a reprodução da vida e permite a expansão
de Israel. No mesmo sentido, porém pensando a cidade com uma centralidade maior,
Graham (2002) alega que Israel promove um urbicídio sobre as cidades palestinas
com o objetivo de expulsar os palestinos e se expandir. Os três autores trazem
um debate importante para a questão da ocupação: a centralidade do urbano e a intencionalidade israelense ao modificar esse urbano em prol da sua expansão. Nesse sentido, argumento a partir de Larkin (2020) que as invisibilidades das infraestruturas urbanas são mobilizadas para a continuidade do conflito.

Com infraestruturas eu quero dizer uma rede de sistemas de organização e
articulação do espaço e da vida da população palestina, com ênfase na (i)mobilidade
pelo território e pela infraestrutura de água. Elas se tornaram o foco desse trabalho
por terem sido ressaltadas pelas interlocutoras e por nos ajudarem a perceber uma
série de violências já rotinizadas no cotidiano (GOMES, 2016). Elas também unem
temporalidades, elementos semióticos e estéticos que nos ajudam a compreender a
lógica da ocupação (LARKIN, 2020; MBEMBE, 2003). A temporalidade se torna
central porque "dilui" a violência ao longo do tempo. Nesse sentido, o conceito de
Slow Violence de Rob Nixon é caro a esse trabalho por pensar uma violência que:

que ocorre gradualmente e fora de vista, uma violência de des-
truição retardada que se dispersa no tempo e no espaço, uma
violência de atrito que normalmente não é vista como violência. A
violência é habitualmente concebida como um evento ou ação que
é imediata no tempo, explosiva e espetacular no espaço, e irrompe
em uma visibilidade sensacional instantânea. Precisamos, acredito,
envolver um tipo diferente de violência, uma violência que não é
espetacular nem instantânea, mas sim incremental e acretiva, suas
repercussões calamitosas ocorrendo em uma variedade de escalas
temporais. Ao fazê-lo, também precisamos enfrentar os desafios
representacionais, narrativos e estratégicos colocados pela relativa
invisibilidade dessa Slow Violence (NIXON, 2011, p. 2)

Já os elementos estéticos recorrem constantemente a metáfora do alto para
representar a subjugação palestina. A monumentalidade do Muro expõe o estado de
exceção mas esconde a violência do cotidiano. Nesse sentido, penso as infraestruturas
como uma maneira de analisar diferentes escalas do conflito: da sua excepcionalidade
ao cotidiano das mulheres que entrevistei. Assim, para além da ilegalidade da
ocupação, ela busca impossibilidade a continuidade e a reprodução da vida palestina
no território, produzindo uma vida precária (BUTLER, 2019). A alocação dessa
condição precária é racializada e conversa com a ideia de necropolítica porque algumas
população são constituídas como alvo de políticas que são instrumentalizadas para a
morte. A colonização neoliberal israelense (HUBERMAN, 2020) então transforma
políticas públicas em instrumentos de guerra que buscam impossibilitar a vida.

Essa ocupação apesar de constantemente denunciada e problematizada pelas
interlocutoras, não é vista como parte da "guerra de verdade"e colocada como menos
violenta dentro de uma hierarquia que é pautada pela violência vivida. A "guerra"não
é uma condição permanente, mas sim aquilo que elas consideram estranho às suas
experiências com violência. A ocupação, então, foi incorporada no "mapa mental do
medo e da cidade"delas e se torna "principio estruturante da fenomenologia da vida cotidiana"(CAVALCANTI, 2008, p. 35). Pensando tiroteios a partir de uma etnografia
no Rio de Janeiro, (CAVALCANTI, 2008) aponta que a possibilidade de um tiroteio
a qualquer momento estrutura a vida nas favelas, porque reorganiza a rotina a partir
da possibilidade deste. As noções de segurança e insegurança partem de uma "leitura
do clima"e produz uma hermenêutica baseada em códigos que "combinam elementos
significantes visuais e sonoros, jogos de presenças e ausências, performances quase
ritualizadas, os ritmos da vida cotidiana e, é claro, o fluxo constante de rumores,
fofocas e informações em geral” (p. 45). As pessoas relacionam imagens mentais de
uma normalidade (que seria quando as coisas estão “tranquilas”) com as interrupções
destas, que não necessariamente tem haver com a presença de armas ou da polícia,
mas com as coisas estarem “fora do lugar” que deveriam estar (nessa imagem de
normalidade). Essa construção não é apenas individual mas também coletiva, e leva
em consideração mediações de mídia, relatos e comentários de segunda mão.

Das (2020) dialoga com essa ideia de antecipação mental da violência ao
falar sobre a construção de uma ecologia do medo na vida cotidiana que organiza
o "potencial"e o "virtual", mesmo que não se concretizem. Ela pauta, assim como
Cavalcanti (2008), que a violência que é experienciada e a potencialidade dessa
violência constroem o medo e organizam a vida das pessoas. Das (2020) foca, no
entanto, em como as pessoas produzem sentidos a partir dessa ecologia do medo,
enquanto Cavalcanti (2008) ressalta a forma como as pessoas organizam a vida
a partir desses mapas. Assim, a noção de que mapas de medo são constituídos a
partir de uma “leitura do clima” da região é central para compreender a aparente
contradição nos relatos. Gaza é tida sempre como um lugar onde há guerra e muita
resistência, e a região não é ocupada e constantemente sofre com investidas militares
de Israel. Já na Cisjordânia, os locais “violentos” ou “seguros” são constituídos a
partir dos mapas mentais construídos pelas interlocutoras, em que noções do que é
violento ou não partem de uma percepção anterior do que é normal ou não. Soldados
andando na rua e invadindo casas podem ser percebidos igualmente como violentos ou
parte de uma normalidade a partir do mapa que foi construído. E aqui acredito que
seja importante ressaltar que essas construções mentais não são somente individuais:
elas ora se expandem para a coletividade - com a ideia de Gaza como violento sendo
geral, por exemplo - ora individual - como a filha voltando andando pra casa sendo
uma imagem de segurança.

Nessas imbricações entre o seguro e o inseguro, Simone Gomes (2016) pensa
a categoria violência rotinizada a partir de seu trabalho de campo na Zona Oeste do
Rio de Janeiro e em Guerreiro, México. Essa forma de violência ocorre principalmente
em espaços periféricos, com transposições entre o legal e o ilegal, e majoritariamente
urbanos, devido a imbricações entre pobreza, desigualdades e escassos investimentos
públicos que abrem um vácuo de presença do Estado. Inicialmente (2016), a categoria foi pensada para tratar sobre as ações políticas de militantes nesses locais. A presença
constante de atores como o tráfico e a milícia constituem uma atmosfera de medo e
insegurança que desmobilizam organizações políticas e dificultam a construção de
demandas coletivas.

Nesse sentido, a constância se torna central e ressalta a sensação de insegu-
rança permanente que as ações truculentas dos atores geram. Apesar do tráfico e o
Estado serem colocados como elucidadores da categoria, é possível transbordar a
análise para o caso palestino. As ilegalidades e legalidades aqui se imbricam não em
uma configuração paraestatal ou com as próprias forças do Estado agindo de forma
ilegal, mas sim com Estados que tem seu território e suas legislações construídos
dentro de um limbo e em meio a hierarquias de poder que tornam a questão ainda
mais complexa. Com ordens que vem dos principais centros de tomada de decisão de
Israel, o exército continua a ocupação que foi constantemente denunciada internaci-
onalmente como ilegal. A própria construção da legislação de um Estado que sua
origem se confunde com a guerra é utilizada para reforçar sua expansão territorial,
como é o caso das escrituras de casas de palestinos que deixam de ser válidas para
Israel porque eles fugiram durante alguma das guerras. A própria constituição do
que é legal ou não adentra uma disputa de narrativas.

Mas essa rotinização não é um acaso. Não é somente através da construção
dos mapas mentais que a violência é incorporada na rotina. Eles moldam a percepção
de violência e insegurança dos indivíduos e coletividades, permitem a continuidade da
vida e a incorporação de processos abusivos em uma rotina que se torna satisfatória
ao longo do tempo. A assimilação dessa forma de violência permite a continuidade
da vida, mas também a continuidade da ocupação. Se passarmos, então, do receptor
dessa forma de violência para o agente dela conseguimos perceber que a ocupação na
Palestina é constituída sobre processos que buscam ativamente “esconder” e rotinizar
a violência como forma de desmobilizar a população e manter uma constante expansão
do território e do controle israelense. Analiso no próximo tópico sobre como a violência
da ocupação é rotinizada a partir da transformação de infraestruturas urbanas em
infraestruturas de guerra.

# OS CANOS E A VIDA EM FUNÇÃO DA ÁGUA

Encanamentos e caixas d’água parecem infraestruturas urbanas que pouco
tem a ver com guerras. Mas se a caixa d’água está em cima de algumas casas e outras
não por uma diferença na distribuição de água, se são alvejadas constantemente por
soldados e se a decisão sobre a construção de infraestruturas hídricas está nas mãos
de um país ocupante percebemos que estas infraestruturas urbanas são mobilizadas
para o conflito. Ao longo desse tópico pretendo explicitar como a rotinização da
violência na vida de mulheres palestinas é composta principalmente pela mobilização
dessas infraestruturas urbanas em prol da guerra. Trago o foco aqui para a rede
de águas e a forma como está é mobilizada a ponto de controlar toda a rotina da
população palestina. Apesar de outras infraestruturas urbanas serem mobilizadas
pela guerra, coloco aqui o foco sobre a água por ela perpassar diferentes escalas da
vida cotidiana e ter sido algo constantemente referenciado ao longo das entrevistas.

# Controle e infraestrutura hídrica

No começo dos anos 1990, os Acordos de Oslo institucionalizam a hidro-
hegemonia israelense sobre as fontes de água (RUDOLPH, 2020). Apenas o Aquífero
da Montanha[[6]](#footnote-6) é dividido, com 80% sendo mantido para Israel e 20% para a AP. O
rio Jordão segue tendo o acesso proibido aos palestinos porque as zonas de segurança
se mantém. À AP fica a responsabilidade de gerenciar o abastecimento da população
palestina, ou seja, comprar a água de Israel e distribuir para a população palestina
das áreas A e B principalmente, e a manutenção da infraestrutura existente de água.
Nos locais em que não há encanamento ou precisa de manutenção, a AP também
é responsável pelos caminhões pipas para abastecimento dos vilarejos ou bairros,
mas na maioria dos casos esse abastecimento é feito por caminhões privados e por
movimentações da própria população (RUDOLPH, 2020; INTERNACIONAL, 2009).

Atualmente, a infraestrutura de águas palestinas e israelenses na Cisjordânia é
administrada por um corpo que une ministérios, agências conjuntas e empresas. A di-
visão desse sistema é feita em quatro fases: Planejamento (políticas, desenvolvimento
e regulação), fornecimento, distribuição e consumo. Na primeira fase, O Comitê
Conjunto de Águas (JWC) analisa os pedidos de permissões para administração de
poços, construção de novos e a extração geral do Aquífero da Montanha e da reserva
de águas das chuvas[[7]](#footnote-7). O comitê foi criado durante Oslo II e deveria ter duração de
apenas 5 anos para fazer a transição dessa administração para os palestinos. Na
prática, ele continuou existindo sem nenhuma previsão de mudança e Selby (2013)
analisou que até 2013 todos os pedidos israelenses foram aprovados pela Autoridade
Palestina para as Águas (PWA) enquanto Israel vetou todos os pedidos de novos
poços e atrasou as obras de manutenção e restauração aprovadas. Se somando a
essa assimetria, mesmo quando aprovados pelo JWC, qualquer projeto na área C
pode ser vetado pelo governo militar da ocupação, com a imposição de burocracias e
violências ao longo de todo o processo.

A PWA também aprova e regulamenta questões relacionadas a água no sistema palestino, mas de forma subordinada ao JWC e em diálogo com o Ministério de Agricultura (MOA) e o Ministério de Governança Local (MOLG). A segunda fase, de fornecimento, se organiza a partir de quatro meios: poços privados de agricultores, que armazenam águas das chuvas e são utilizados para irrigar plantações ou poços privados que ainda não foram contaminados desde as medições em 1967; poços e nascentes administrados por municipalidades; poços da PWA, que fornecem a distribuição principalmente para as cidades; poços da WBWD, mas que em sua maioria estão contaminados por serem muito antigos; e a \textit{Mekorot} que possui alguns poços mas que também vende para a PWA. Na fase de distribuição, a parte urbana é contemplada principalmente pela Empresa de Águas de Jerusalém (JWU) e pela Autoridade de Abastecimento de Águas e Esgoto (WSSA), já nas áreas rurais, são conselhos municipais e pessoas privadas que cuidam da distribuição.

Esse controle e a complexa assimetria de não-cooperação produzem impactos na rotina dos, e principalmente das, palestinos e palestinas. Devido às restrições com relação aos recursos hídricos, a população que era majoritariamente rural e que ganhava a vida com a agricultura passa a buscar emprego em Israel como trabalhadores pouco qualificados, o que aprofunda a dependência econômica da Palestina (HUBERMAN, 2020; RUDOLPH, 2020, INTERNACIONAL, 2009). Além disso, geram uma série de inseguranças hídricas para a população. De acordo com Rudolph (2020), os principais impactos do controle do acesso à água estão relacionados a qualidade, distância e tempo de coleta, preço e acessibilidade, disponibilidade e confiabilidade, e segurança (sendo esta um resultado específico da ocupação). Essas inseguranças constroem uma vida "função da água", que tem um impacto significativo sobre a vida de mulheres.

# A vida em função da água

Na minha cidade, por exemplo, a gente só recebe água uma vez
por semana e por algumas poucas horas ta? Então no dia que vem
a água você tem que passar o dia em função da água, você não
pode ir pro trabalho...(trecho retirado de entrevista com Saara)

A ideia de construção de uma rotina em "função da água" parte dessa fala de
Saara ao me responder sobre os problemas decorrentes dos Acordos de Oslo. Em
seguida, ela me descreve como ela precisa organizar sua rotina nos dias em que a água
chega: lavar a roupa, lavar as escadas, molhar as plantas, limpar as janelas, lavar
o cabelo. Tudo deve ser feito enquanto a água está na cidade. Os tanques também
devem ser cheios durante esse tempo, pensando sempre a relação de custo/benefício
que a necessidade de uma bomba causa. Todos esses cálculos sobre o que fazer
durante as sete horas de água por semana que Saara tem em sua casa são feitos
por ela. Nesse período, "não tem como você sair de casa [...] você fica preso ali", e durante todos os outros dias da semana, cálculos tem que ser feitos para a água não
faltar para o resto da família. Durante o verão, o tempo da água é menor e a situação
fica mais crítica. Essa busca constante por uma "cidadania hidráulica" Anand (2017),
consiste na "capacidade de ser reconhecida pelas agências de serviços de água da
cidade"(p. 8), e o reconhecimento de que ter e manter a água é um trabalho constante.
A população precisa reivindicar primeiro que suas casas sejam conectadas à rede de
água e depois que recebam essa água em uma quantidade, qualidade e pressão que
tornem possível a sua utilização, mas para além disso, esse fornecimento sempre está
sujeito às implicações da ocupação que não enxerga os palestinos como cidadãos.
Mesmo quando toda a infraestrutura de água das casas está em pleno funcionamento,
os tanques d’água são usados como alvo de treinamento pelas forças da IDF ou parte
da rede é bombardeada por algum conflito, o que retorna as famílias à estaca zero.
Nesse sentido, a questão aqui está menos relacionada com uma cidadania incompleta,
como Anand (2017) coloca, e mais a uma dinâmica de dominação e colonização que
impossibilita o fazer da vida. Mas como então as pessoas continuam vivendo?

# A busca pela água

Quando perguntei para Saara como ela fazia para lidar com a falta d’água
ela me respondeu que armazenava em tanques. "Se você quiser eu te levo lá em
cima para te mostrar os tanques que temos na laje da casa". Eu aceitei imaginando
encontrar algo parecido com uma caixa d’água. Quando chegou no terraço, enormes
tanques (1500l cada) de água fria e quente chamaram a atenção, com um sistema
de encanamento que leva a água da rua para a laje por fora da casa. Os tanques de
água quente, ainda, tem uma espécie de compressor na parte de baixo que ajuda
a esquentar a água sem gastar tanta energia. Saara vive apenas com a sua família
nuclear em sua casa, o marido e os dois filhos, e mesmo assim possui cinco tanques.
Ela ainda está acima da média da região, Rudolph (2020) destaca que mesmo as
quantidades armazenadas para a semana ainda são insuficientes para o consumo das
famílias. Uma família de nove pessoas, uma média palestina, possui cerca de dois
tanques de 1500l, e em uma semana comum consomem 95 lpdc, ainda abaixo do
indicado pela OMS. Nos campos de refugiados, mesmo quando estão ligados à rede
de água, ainda tem quantidades menores que nos bairros residenciais.

A chegada dessa água é fonte de grande incerteza, porque não se sabe ao certo o dia e o horário em que vai acontecer, em alguns locais sabe-se que acontece uma vez na semana, em outros nem isso. Uma mulher no campo de refugiados de *Aqbat Jaber* relata
a Rudolph (2020) que "eu sei que vai chegar hoje ou amanhã [...] porque desde
quinta passada não vem"(p. 34). Encher os tanques e garantir esse fornecimento e
armazenamento de água também depende da localização e da pressão com que a
água chega. Muitas casas conectadas à rede não conseguem encher seus tanques ou tem um fornecimento ainda mais intermitente, como é o caso do município de *Fasayil*
em que somente uma família possui abastecimento da *Mekorot*, mesmo todas sendo
ligadas a rede porque, de acordo com o pai, "nossa casa fica perto da tubulação
principal, a localização é boa" (RUDOLPH, 2020, p.34). Saara também ressalta que
a pressão vai diminuindo entre as cidades, quanto mais longe dos poços menor é a pressão e maior é a necessidade de bombas.

Quando não estão ligadas à rede de água, seja da *Mekorot* ou da AP, a busca
pela água se torna ainda mais complexa. Envolve uma relação entre distância das
fontes d’água, tempo de coleta, disponibilidade e preço (que é ainda mais elevado
que o da água encanada) (RUDOLPH, 2020). Se a água não chega até as casas pela
infraestrutura formal dos canos, as pessoas se transformam nessas infraestruturas ao
buscar a água de diferentes maneiras (SIMONE, 2004; TRUELOVE; RUSZCZYK,
2022). O uso de caminhões d’água se tornou comum porque ajuda a suprir esses vácuos
na distribuição com maiores quantidades de água do que famílias individualmente
buscando nas fontes. Mas comprar a água dessa fonte improvisada é ainda mais
caro[[8]](#footnote-8) do que a água encanada:

Pagamos cerca de 30 shekels por 1,5 metros cúbicos (1500l) quando
ele traz a água também para outras famílias. Se ele apenas encher
nosso tanque, então ele pede talvez 50 ou 60 shekels porque ele
deve vir até o fim só para nós. (RUDOLPH, 2020, p. 34)

No caso dessa família, eles compram a água de uma pessoa que possui um
caminhão e cobra por esse fornecimento, um comércio que se tornou extremamente
comum na região. Quando não tem a possibilidade de comprar essa água, as famílias
encontram formas de buscá-la por conta própria. O caminho dessa busca pode ser
tortuoso porque muitas vezes as estradas não são pavimentadas (então os caminhões
tem que andar muito lentamente quando estão carregados) e os checkpoints criam
obstáculos ao longo do caminho, que geram a necessidade de desvios para que a
água não fique retida nas revistas. O gasto com combustível e as muitas horas
que essa busca demanda (muitas vezes as fontes são muito longe) tem uma conta
extremamente cara:

Temos que viajar muito para comprar água e trazê-la para a
aldeia de caminhão-tanque. Com o custo do transporte a água
custa 15 NIS por m3, o que é três ou quatro vezes o que custaria
se tivéssemos uma ligação à rede de água ou um poço na aldeia.
É inacessível (INTERNACIONAL, 2009)

Essas viagens tomam horas do dia e normalmente precisam ser feitas a cada
três ou quatro dias porque capacidade de armazenamento dos caminhões é pequena. Isso significa que a cada três ou quatro dias uma das pessoas da casa precisa ficar
responsável por encontrar uma fonte de água disponível, bombear a água dela,
encontrar a melhor rota para voltar para casa (pensando nos checkpoints físicos
e nos móveis), fazer o cálculo do combustível necessário[[9]](#footnote-9), deslocar essa água por
estradas pouco pavimentadas e abastecer a residência, muitas vezes as famílias não
possuem seus próprios caminhões ou tratores, então na lista de funções e de gastos
também é adicionado o aluguel dele. No verão os intervalos de busca pela água são
ainda menores devido ao calor e às maiores necessidades hídricas. É interessante
perceber que essa busca pela água nos caminhões é majoritariamente feita pelos
homens, principalmente quando as fontes são mais distantes. Quando são próximas,
e o problema é apenas a falta de encanamento, as mulheres buscam a água em
recipientes menores e muitas viagens, função mais comum nas áreas rurais mas que
ainda existem nas cidades. A rotina, então, é construída a partir do tempo da água
(ANAND, 2017). O orçamento familiar, as funções domésticas e até o tempo de
trabalho ficam à mercê da disponibilidade de água e, consequentemente, de Israel.

Esse trabalho doméstico hídrico envolve um trabalho manual das mulheres
para construir os ritmos e as rotinas da vida cotidiana. A precariedade da rede de
água e a instabilidade no seu fornecimento faz com que a rotina das famílias dependa
de alguém que esteja em casa, coletando a água e administrando o seu uso nas
diferentes funções em que ela é essencial. Essa pessoa tem a responsabilidade não
somente da busca pela água mas de pensar como com a pouca quantidade que se tem
vai ser possível lavar, limpar, fazer comida e, de forma mais ampla, reproduzir a vida
no cotidiano. Na maioria das vezes a pessoa que faz isso é uma mulher (ANAND,
2017; TRUELOVE; RUSZCZYK, 2022). Truelove e Ruszczyk (2022) enquadra essa
transformação dos corpos femininos em infraestruturas de água como um processo
de *slow violence*, que:

reforça padrões de dano que são vivenciados pelo corpo como
simultaneamente afetivos, estruturais, íntimos e contínuos. Isso
inclui as violências ocultas das ordens sociais de gênero que mol-
dam as práticas infraestruturais desiguais em primeiro lugar. Ou,
além disso, os custos físicos e emocionais crônicos de longo prazo
associados à busca e transporte de recursos como água, bem como
a perda de vidas e oportunidades de renda que podem resultar
do tempo dedicado ao trabalho diário em torno da infraestrutura.
(TRUELOVE; RUSZCZYK, 2022)

Para as autoras, esse gerenciamento da água dentro das casas reforça a
invisibilidade do trabalho feminino e reforça uma violência de gênero e infraestrutural, com as mulheres sendo transformadas em parte da infraestrutura geral a partir do trabalho doméstico. Já para Pierobon (2021) esse trabalho é atravessado por uma
série de negociações multiescalares, que envolvem indivíduos, associações e o próprio
Estado, numa imbricação entre o legal, o ilegal e a ilegibilidade estatal. A partir do
trabalho de campo em uma ocupação do Rio de Janeiro, a autora ressalta que o
gênero é central para analisar o enorme esforço que é feito para "manterem a vida
social diante da instabilidade que caracteriza suas vidas"(p. 4) e também para borrar
a fronteira entre o público e o privado, destacando a porosidade entre a construção
da vida intima da sua interlocutora, as práticas do Estado e dos grupos armados
que controlam esse território. Rudolph (2020) também destaca o viés generificado
das inseguranças hídricas ao se deparar com falas de seus interlocutores que diziam
que as mulheres precisavam de mais água:

Em porcentagem, enfrento cerca de 8\% dos problemas com a água; 92% é enfrentado pela minha esposa [...] porque ela precisa de mais água. [...] eu só vou para a serra [com as ovelhas]. Ela se levanta às 4 da manhã; ela começa a fazer leite, queijo e iogurte. Então ela começa a fazer o café da manhã. [...] Depois disso ela começa a limpar, lavar a roupa, dar banho nas crianças e depois fazer o almoço para mim e meus filhos. [...] À noite, ela me ajuda a colocar comida para os animais. O dia todo ela é como uma máquina. Ela trabalha das 4 da manhã até a meia-noite. (RUDOLPH ,2020)

Os altos preços são uma reclamação constante e um fator que afeta profundamente a busca pela água. Saara me relata que o caminho que a água encanada toma a torna mais cara "ela é puxada dos lençóis do Estado palestino, levada para Israel e vendida novamente para os palestinos". Para ela, essa água é roubada dos palestinos e gera um enorme lucro para Israel porque "a gente paga bem mais caro do que iria pagar se eles não roubassem essa água". O valor do metro cúbico de água na Cisjordânia fica entre 4 e 10 dólares, e em muitos casos a conta de água toma quase metade da renda mensal das famílias. Quando o gasto não está na conta pela falta de encanamento, está no aluguel e no combustível gastos para buscar a água com caminhões. Além disso, as águas de maior qualidade são de uma profundidade maior, e bombear essa água exige um enorme gasto.

Esse imbricamento de dificuldades que envolvem a busca pela água levam a uma constante insegurança hídrica. A água encanada não se sabe quando vai chegar. Quando chega, nem sempre a pressão é suficiente, e os custos de armazenamento e da conta são extremamente altos. Sem água encanada, o processo de busca pela água em caminhões ou à pé toma toda a rotina das famílias, que precisam calcular os gastos, o caminho que essa água pode percorrer e como ela deve ser usada da melhor forma dentro de casa, economizando em todas as funções do dia a dia. Tudo isso é caro e perpassado por dificuldades impostas pela ocupação: a água vendida pela *Mekorot* que pode ser cortada a qualquer momento, os checkpoints e o muro que atrapalham a circulação, além do sistema de licença e permissões que retêm caminhões e destroem tanques e cisternas.

Na construção dessa rotina em função da água na Palestina, deve sempre levar em consideração que todo o trabalho pode ser atrasado por conta das violências da ocupação. A destruição da rede de água acontece durante operações militares, como sabotagem e retaliação ou quando as infraestruturas foram construídas sem as difíceis permissões do JWC. É uma insegurança que perpassa a busca, a manutenção e os reparos da rede de água, e que levam à uma necessidade de constante reconstrução do abastecimento das casas e de toda a infraestrutura de água.

A violência da ocupação é reproduzida por meio das infraestruturas, com o controle no deslocamento, dos documentos e da rede hídrica, e através dela, com a
destruição desses sistemas e principalmente das alternativas à eles que os palestinos
encontram. A guerra total se dilui e se transforma por meio das infraestruturas
urbanas, violando a vida e o cotidiano da população palestina longe dos olhares
atentos das câmeras, para os quais somente a espetacularidade da guerra chama
atenção. Essa violência infraestrutural reorganiza a rotina das mulheres palestinas
constantemente a partir da imprevisibilidade. Saara relata que "eles querem que o
seu psicológico viva 24h em um estado deplorável "porque "você sempre sente que
a qualquer momento vai acontecer algo". Mas em meio a todo esse horror, a vida
continua encontrando formas de se reproduzir, as pessoas continuam acordando,
indo trabalhar, indo à escola, universidade. Seja como resistência ou por estarem
"aprendendo a viver com isso", como diz Lilah, a vida continua todos os dias em
meio à ocupação na Palestina.

# REFERÊNCIAS

ACORDOS DE OSLO. Oslo Accords. 1995. <https://israeled.org/resources/ documents/oslo-accords/>. Acesso em 27 de julho de 2022.

ANAND, N. Hydraulic city: Water and the infrastructures of citizenship in Mumbai. [S.l.]: Duke University Press, 2017.

BUTLER, J. Vida precária: os poderes do luto e da violência. [S.l.]: Autêntica Business, 2019.

CAVALCANTI, M. Tiroteios, legibilidade e espaço urbano: notas etnográficas de uma favela carioca. Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 1, n. 1, p. 35–59, 2008.

DAS, V. Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário. [S.l.]: Editora Unifesp, 2020. 2, 3,

ENLOE, C. Maneuvers. [S.l.]: University of California Press, 2000.

GOMES, S. d. S. R. Oportunidades políticas e estratégias militantes em contextos de violência rotinizada: uma comparação entre a Zona Oeste do Rio de Janeiro (Brasil) e Guerrero (México). Tese (Doutorado) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

GRAHAM, S. Bulldozers and bombs: the latest palestinian–israeli conflict as asymmetric urbicide. Antipode, Wiley Online Library, v. 34, n. 4, p. 642–649, 2002.

HUBERMAN, B. A colonização neoliberal de Jerusalém após Oslo: desenvolvimento, pacificação e resistência em Palestina/Israel. Tese (Doutorado) — Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2020.

INTERNACIONAL, A. Troubled Waters: Palestinians denied fair acess to water. 2009. <https://www.amnestyusa.org/troubled-waters-palestinians-denied-fair-access-to-water/#:~:text=The%20report%2C%20%E2%80%9CTroubled%20Waters%3A,access%20to%2020%20per%20cent.> Acesso em 27 de maio de 2022.

LARKIN, B. Políticas e poéticas da infraestrutura. Revista Anthropológicas, v. 31, n. 2, 2020.

MBEMBE, A. Necropolítica. [S.l.]: n-1 edições, 2003.

NIXON, R. Slow Violence and the Environmentalism of the Poor. [S.l.]: Harvard University Press, 2011.

PCBS. Average Consumer Prices in Palestine for Selected Energy Types by Month, 2017. 2018. <https://www.pcbs.gov.ps/Portals/\_Rainbow/Documents/EnergyPrice-2017-5E.html>. Acesso em 06 de julho de 2022.

PIEROBON, C. Fazer a água circular: tempo e rotina na batalha pela habitação. Mana, SciELO Brasil, v. 27, 2021.

RUDOLPH, M. Water governance under occupation : A contemporary analysis of the water insecurities of Palestinians in the Jordan Valley, West Bank. Tese (Doutorado) — International Institute of Social Studies of Erasmus University (ISS), 2020.

SELBY, J. Cooperation, domination and colonisation: The israeli-palestinian joint water committee. Water Alternatives, Water Alternatives Association, v. 6, n. 1, p. 1, 2013. 8

SIMONE, A. People as infrastructure: Intersecting fragments in johannesburg. Public culture, Duke University Press, v. 16, n. 3, p. 407–429, 2004. 11

TRUELOVE, Y.; RUSZCZYK, H. A. Bodies as urban infrastructure: Gender, intimate infrastructures and slow infrastructural violence. Political geography, Elsevier, v. 92, p. 102492, 2022. 11, 12

WEIZMAN, E. The Politics of Verticality. 2002. <https://www.opendemocracy.net/en/article\_801jsp/>. Acesso em 20 de maio de 2022.

WEIZMAN, E. Hollow land: Israel’s architecture of occupation. [S.l.]: Verso books, 2012.

1. Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022. [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestranda em Sociologia no IESP-UERJ. Email: giovannamonteiro@iesp.uerj.br [↑](#footnote-ref-2)
3. Os nomes utilizados ao longo desse trabalho são fictícios como forma de proteger a identidade das interlocutoras [↑](#footnote-ref-3)
4. A *Mekorot* é uma empresa Israelense de águas que é responsável pela distribuição e venda de
água nos territórios ocupados [↑](#footnote-ref-4)
5. Principalmente terras dos palestinos que fugiram durante a Guerra dos Seis Dias e perderam
os direitos sobre a propriedade. Mas além disso, as terras também são expropriadas sob a
justificativa de segurança nacional (WEIZMAN, 2012) [↑](#footnote-ref-5)
6. Aquífero que perpassa Israel e o Território Palestino. [↑](#footnote-ref-6)
7. O JWC tem um número igual de representantes israelenses e palestinos, ambos possuem direito
a veto e as decisões devem ser alcançadas por consenso, no entanto, a assimetria de poder entre
as partes leva a uma subutilização do comitê [↑](#footnote-ref-7)
8. A título de comparação, 1 shekel israelense equivale a 1,53 real brasileiro na cotação de julho de
2022 [↑](#footnote-ref-8)
9. A média anual do valor da gasolina (a partir do survey feito em 2017) é cerca de 5,98 NIS (R$
8,58) e do diesel 5,59 (R$ 9,17) NIS (PCBS, 2018) [↑](#footnote-ref-9)